



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## MEMÓRIA CORPORAL E IDENTIFICAÇÕES PRIMÁRIAS

Guy Tonella

### RESUMO

Durante os dois primeiros anos, a memória corporal (ou “memória de procedimento”) registra a totalidade das experiências da criança. Formam-se constelações afetivo-sensorio-motoras que impregnarão nossas percepções e pensamentos futuros. Organizam-se padrões de apego que servirão de modelo para nossa sexualidade e nossas relações futuras. Tais identificações primárias são de natureza corporal, pré-verbal e inconsciente, precedendo nossos pensamentos e orientando nossas escolhas adultas. Um certo tipo de trabalho corporal pode trazê-las à consciência.

Palavras-chave: Memória Corporal. Neurobiologia. Bioenergética.

---

Do que nos lembramos e a partir de quando? Freud evocou a amnésia infantil relativa aos primeiros anos da vida, durante os quais se desenvolvem as identificações primárias, base de nossa identidade. E agora?

A neurobiologia contemporânea nos ensina que a imaturidade funcional do cérebro não permite à criança muito pequena, até aproximadamente os três anos de idade, registrar suas vivências sob forma de imagens e palavras, o que a “memória semântica” poderá fazer a partir desta idade. Existe, então, uma memória capaz de registrar as vivências pré-verbais, notadamente as que participam das identificações primárias, desde o nascimento?

A neurobiologia nos ensina que uma outra memória, chamada “memória de procedimento”, é capaz de registrar as vivências pré-verbais destes dois ou três primeiros anos e, de modo geral, o conjunto de vivências não verbais durante toda a vida. Trata-se de uma memória “corporal e interacional”. Durante os primeiros anos, ela codifica as experiências sensório-emocionais e os procedimentos sensório-motores desenvolvidos pelo bebê e, ao longo da vida inteira, toda experiência que implique procedimentos corporais, motores, interacionais. Esta memória possibilita o acesso a todas as primeiras constelações sensório-motoras fundadoras da identidade de si e fundadoras de seus procedimentos de apego aos outros. Gostaria de ilustrar com uma



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

apresentação clínica.

### ILUSTRAÇÃO CLÍNICA: JEREMY

Quando vem me ver, Jeremy tem 26 anos. Ele se aterroriza diante da idéia de estabelecer o mínimo contato com quem quer que seja. “Queria me apaixonar mas não sei como fazer”, ele me diz.

Jeremy nunca foi chamado pelo seu nome, nem mesmo por seus pais. Ele não chama ninguém pelo nome, nem mesmo a mim.

*Conseqüentemente, ele não é ninguém, não se vincula, não se apega a ninguém. Ele está, simplesmente, sozinho na vida.*

Enquanto fala, Jeremy não me olha. Ele me diz: “Minha mãe me contou que quando eu era bebê eu nunca olhava para ela”. Como pode um bebê evitar olhar para sua mãe a não ser que ela não exista para ele, ou que ele não exista para ela?

*Tenho a impressão de que ele nunca possuiu visualmente sua mãe, que nunca se sentiu possuído por ela, pelo seu olhar.*

Jeremy irá me falar de sua mãe aos pouquinhos.

Ele guarda a impressão de que sua mãe trazia em si uma profunda tristeza e que ela lhe pedia “para ficar perto dela, para reconfortá-la”. Ela era o fruto da violência de seu próprio pai contra sua mãe. Quando criança, ela havia escutado sua mãe dizer a seu pai: “Eu não queria este segundo filho. Você me pegou à força e eis o resultado!”

Esta mãe trazia em si a violência do casal de seus pais. Ela podia tornar-se agressiva, irracional e culpabilizante quando Jeremy, ou seu irmão, anorético desde os onze anos, não se comportavam exatamente segundo suas ordens. Jeremy tinha a impressão de que era “mau”, o que sua mãe confirmará ao dizer-lhe, no início da sua adolescência: “Você nos estragou a vida!”

De outro lado, porém, ela podia “falar como uma revista de psicologia” (ela as lia), “como se ela soubesse”, em uma linguagem formal, falando pausadamente, da família e da relação entre pais e filhos. Ele tomava as



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

palavras de sua mãe como verdades, a idealizava porque ela não deixava nenhum espaço para o julgamento crítico. Ela tinha necessidade desta idealização.

Esta dupla linguagem, ora racional, ora irracional, constante até o dia de hoje, deixou Jeremy com a impressão de que ele era inadequado e, às vezes, doente ou louco.

Durante o primeiro ano de terapia, o que ele vive interiormente, durante as sessões, só se manifestará de forma não verbal, quase sem imagens e sem palavras: ele se sente carente, perdido, chora como uma criança desorientada que não pôde construir referências dentro de si. “Isto” se manifesta por:

- tremores no corpo todo que apareciam rapidamente durante a sessão;
- um medo visceral que o fazia estremecer e o deixava em uma tensão extrema;
- soluços engasgados, como se ele estivesse sozinho, desesperado, sem recursos nem saída;
- uma grande dificuldade de identificar o que sente, o que necessita. Ele “não sabe”;
- uma grande dificuldade de compreender sua história, de organizar seu pensamento e colocar em palavras o que sente. Não sabe traduzir e dar um sentido ao que, interiormente, o agita;
- uma desorientação : ele não sabe fazer uso de mim, ora me evitando, no retraimento e na dissociação, ora sacudido por espasmos sem destinatário, ora aceitando minha proximidade e se deixando chorar sem se conter. Ele não consegue, porém, dar nenhuma imagem, nenhuma palavra ao que ele vive e que o inunda. Está perdido, está só, se bem que, imperceptivelmente, ele começa a contar comigo. Eu lhe empresto imagens e palavras ao lhe falar do que eu mesmo sinto, ao vê-lo assim. Ele se espanta que eu possa lhe falar das minhas sensações, minhas emoções, minhas imagens e pensamentos. Na sua família ninguém falava de si, funcionava-se, com as regras que, quando não seguidas à risca, davam lugar à desaprovação, à ameaça, ao abandono, à perda do amor e, mais tarde, à humilhação e ao desprezo.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Jeremy não pode fazer com isto, senão sentir e me mostrar. Ele “revive” diante de mim os tormentos de sua infância. Mostra-me o terror e a confusão que habitam seu mundo interior, desde que ele está na terra. É enviando-me estes inumeráveis sinais de aflição, *manifestando-os* corporalmente, “fazendo-os”, que ele me ensina quem é, e o que vive.

Estas diversas manifestações são “reminiscências” sem representações, correspondendo às suas vivências pré-verbais, tais como foram registradas na sua memória de procedimento. Nada lhe foi dito na sua infância – a relação intersubjetiva não existia – e nada de sua vivência foi colocado em imagens e palavras, o que lhe teria permitido compreender e dar um sentido a este vivido. Entre o registro da vivência corporal e o registro da representação simbólica, não foi construída nenhuma ponte. Ainda hoje ele não pode falar dela. Suas reminiscências sensório-emocionais simplesmente o inundam.

Durante a sessão, meus neurônios-espelho escaneiam rapidamente suas manifestações corporais, emocionais, solitárias. É porque eu aceitei deixar ressoar em mim estes múltiplos sinais, de sentir eu mesmo seus tremores, seus espasmos, suas sensações, suas emoções - sem dúvida que em menor grau - que se desenhará em mim uma espécie de fotocópia interna, sensível, dos seus próprios estados. Esta cópia interna será meu intérprete e meu guia, à semelhança de uma mãe que percebe, sente e compreende seu filho que ainda não pode lhe dizer em palavras o que sente e do que precisa.

Ao final de um ano de terapia, Jeremy me traz seu primeiro sonho elaborado, após ter passado muito tempo sem ter sonhos que não fossem sob a forma de “impressões”, de “atmosferas”. Eu o transcrevo:

“O sonho se passa na casa da minha avó materna. É lá que se encontram minhas lembranças mais antigas. No lugar da alameda que serve para estacionar os carros em frente à casa, encontra-se uma enorme vala retangular, sem fundo. Minha cama está pendurada em um dos ângulos do precipício, suspensa no vazio. Três pés se apóiam sobre minúsculos pedaços de madeira enfiados nas paredes e o quarto pé está no ar. Subitamente dou- me conta de que a cama é muito instável. Ela se sustenta apenas porque eu estou imóvel, se



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

eu me mexer um pouco, ela inevitavelmente cairá.

Agarro-me, então, à grade que circunda o precipício. Minha cama cai e fica em volta da minha cintura.

Chamo meu pai que está bem ao lado, a alguns metros, e que escuto através das janelas abertas. Quanto mais eu o chamo, mais barulho ele faz com os objetos que está arrumando, para mostrar-me que não virá me ajudar “(...) Meu pai sai da casa (mas) já é tarde demais (...). Eu não quero que ele me toque. Eu não quero que ele possa representar a farsa e esconder (de seus próprios olhos) seu desejo irresistível de não me ajudar.”

Este sonho finalmente traduz, em representações, as constelações sensório-emocionais que habitam Jeremy desde suas primeiras semanas de vida e que, até então, não possuíam nem imagens nem palavras para se expressarem. Ele fala daquele vazio que poderia engoli-lo, ele e sua cama de criança. Esta repetitiva e traumática vivência sensório-emocional pode, finalmente, colocar-se em imagem, neste sonho, imagem de uma mãe abismo, sem rosto, sem olhar, sem braços e sem mãos, sem corpo que o envolva e tranquilize. Esta mãe era triste e depressiva, mas também rancorosa, fruto da violência de seu pai contra sua mãe. Jeremy nasceu e cresceu sob a ditadura desta dor e deste rancor maternos dos quais recebeu, todos os dias, uma transfusão visual, tátil, gestual e linguageira.

Uma segunda vivência sensório-emocional associa-se a isto: a de um pai inacessível, surdo e cego, incapaz de trazer socorro àquela criança prisioneira de uma mãe sem fundo, que arrasta seu filho para a sua angústia mortífera sem fim.

De que Jeremy precisa? O que ele espera de mim?

Que eu aprove sua existência mostrando-lhe, a cada sessão, que estou feliz em revê-lo. Que eu aprove seu direito de existir com a sua própria subjetividade apenas nascida e já devastada. Que eu estabeleça com ele, por minha própria iniciativa, um contato seguro e tranquilizante. Que eu seja esta terra firme sobre a qual ele possa se apoiar. Que eu seja este continente e este regulador que lhe permitem se descontraírem sem ser submerso pela emoção



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

violenta. Que eu seja um olhar que o orienta e algumas simples palavras que organizam sua experiência, conferindo-lhe um sentido.

Irei em busca de Jeremy, mais e mais, com algumas palavras simples, dando-lhe o meu olhar, minhas mãos, meus braços, um outro ritmo de respiração possível, uma outra experiência possível de encontro, de interação, de apego.

Pouco a pouco ele irá procurar me possuir visualmente, afetivamente e fisicamente, vindo para os meus braços, me abraçando, incitando-me, sem ter disto consciência, a ir atrás da sua agressividade e sua vontade de viver, às vezes do seu ódio de não ter sido amado pelo que era. Ele se preencherá destas experiências que lhe faltavam. Ele se nutrirá deste contato intenso que começa a deixá-lo vivo e expressivo. Eu creio que o sentimento de amor e a capacidade de amar nascem do sentimento de segurança e da capacidade de obtê-lo. A experiência inversa conduz à aflição, em seguida à violência, na retração autodestrutiva ou na explosão de raiva invejosa e de ódio.

No começo, Jeremy “não sabia como fazer” (como amar), nem com os outros, nem comigo. Restava-me ensiná-lo “como fazer”, como construir seus “procedimentos” e, depois, compreender o seu como, seu porquê, assim como seus efeitos. Dando, assim, sentido à sua vida passada e presente.

No começo, porém, está o corpo e os procedimentos construídos com o outro, graças ao outro. Em psicoterapia não se pode pensar e refletir a propósito do que não existe, a não ser enunciar um nada, e sentir um desespero que, na melhor das hipóteses, levarão à resignação. Tem-se inicialmente que construir aquilo sobre o qual se refletirá em seguida: construir procedimentos elementares que consistem em poder olhar-se, seguir-se com o olhar, respirar, em um ritmo que pontua sua própria existência, e a distingue da do outro a quem se sente, entretanto, ligado, estender os braços para o outro e ser tomado naqueles braços, empurrar o outro, iniciando-se na individuação e percebendo que sua agressividade vital é confirmada pelo outro que se sente feliz com isto, emitir sons expressivos e escutar seus ecos, ressoando no outro... Tantas experiências a serem feitas, de natureza essencialmente e fundamentalmente



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

corporal e interacional.

Jeremy tem necessidade de construir, na experiência afetiva mútua e na entonamento de nossas respectivas vivências, os instrumentos de expressão, de comunicação e de ação que lhe faltam e o mantém no isolamento e no sentimento de vergonha, a vergonha de sentir-se um adulto inacabado e inadequado.

Tanto no bebê como no adulto, antigos procedimentos, os únicos que se conhece mas que conduzem ao fracasso repetitivo, podem ser abandonados, desativados, e novos procedimentos podem ser construídos, particularmente aqueles que fizeram falta para o encontro e a construção de um Self seguro.

## A FORMAÇÃO DE CONSTELAÇÕES SENSÓRIO-EMOCIONAIS

O bebê que vem ao mundo tem como tarefa construir conjuntos sensório-emocionais estáveis, permanentes e referentes. Estes conjuntos constituem a matriz do Self. Eles imprimem imediatamente sua marca no soma; eles o subjetivizam e o transformam em “corpo próprio”, próprio ao Self em construção, próprio a si mesmo.

Estes conjuntos funcionais ou “constelações sensório-emocionais”:

- impregnam a estrutura anatômica do corpo próprio e a circulação de seus fluxos de excitação;
- condicionam os fenômenos de expansão/contração e estiramento/alongamento, ativando uma flutuação rítmica ininterrupta;
- produzem sensações que sentimos como sensações de existir : sensações de esvaziar/encher, desacelerar/acelerar, dilatar/contrair, absorver/rejeitar, conter/expulsar, de interior/exterior, de profundidade/superfície, de inter-relação e de troca entre meio interno/meio externo;
- regulam nossas capacidades de ativar-se, repousar ou dormir, perceber, emocionar-se, amar, agir, interagir, etc.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Esta verdadeira dança é incessante e adaptativa. Ela nos dá o sentimento de ser vivo, expressivo e em relação com o mundo. As sensações e o ritmo que dela emergem constituem a matriz corporal da organização psíquica: as constelações sensório-emocionais são memórias rítmicas e sensoriais que inscrevem a história elementar do Self. Elas perduram para sempre. O cérebro conserva sua marca:

- elas esculpem o corpo, sua forma, sua tonicidade, sua gestualidade ;
- elas desenham as imagens inconscientes do corpo e nossos protótipos fantasmáticos ;
- elas modelizam nossas futuras relações de apego e nossa sexualidade.

Estas constelações sensório-emocionais determinarão, na idade adulta, nossas escolhas dos objetos de apego, nosso modo de apego, nossa sensualidade, nossa sexualidade e uma certa maneira de perceber o mundo. De fato, somos determinados por estas constelações emocionais de quando éramos bebês e que nos levam a reproduzir, para o melhor e para o pior, estes estados sensoriais e emocionais de base que constituem a memória implícita. Elas podem, efetivamente, ser reativadas a qualquer momento, inconscientemente, às vezes, conscientemente.

*Porque estas constelações sensório-emocionais se inscrevem desde a origem na memória implícita, não verbal e não consciente, elas constituem a matriz do inconsciente. Porque elas permanecem vivas no fundo de si e fonte de subjetivação, elas constituem a matriz da identidade. Elas constituem, de fato, nossas identificações primárias.*

## AS IDENTIFICAÇÕES PRIMÁRIAS

Freud fez da “identificação primária” o primeiro processo pelo qual o bebê assimila as qualidades de seu ambiente materno. A identificação primária, ele



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

diz : é “ ... a forma mais primitiva do vínculo afetivo com um objeto” (1921, trad. fr., 1951, p.120). Ele acrescentará: “Bem no início, (...) o investimento do objeto e a identificação (com o objeto) não se distinguem talvez um do outro” (1923, trad. fr., 1951, p.183). Freud tinha razão, o bebê investe afetivamente sua mãe antes de percebê-la enquanto objeto distinto dele. Neste sentido, a relação de apego (afetiva) precede a relação de objeto (perceptiva e cognitiva): a teoria freudiana trazia embrionariamente a teoria do apego posteriormente desenvolvida por Bowlby.

As “identificações primárias” não se distinguem das “identificações secundárias” apenas na ordem cronológica em que aparecem; distinguem-se por: 1) sua natureza sensório-emocional, 2) seu modo de constituição por assimilação corporal, 3) sua memorização e colocação em ação corporal e/ou interacional.

### 1) As identificações primárias são de natureza sensório-emocional

Durante suas experiências de apego com a mãe, o bebê experiência estados sensório-emocionais. Estas experiências sensoriais e emocionais ativam neurônios. Quando a ativação destes neurônios é suficientemente intensa e suficientemente repetida, formam-se conexões sinápticas funcionais entre os neurônios. A partir daí, estas conexões podem ser reativadas, reativando as experiências sensório-emocionais: é a “lei de plasticidade sináptica”. Estas constelações sensório-emocionais, que compõem as identificações primárias, são conservadas na memória e reativáveis ao longo de toda a vida.

As identificações primárias resultam destes processos de assimilação pelos sistemas corporais sensoriais e emocionais, periféricos e centrais. Sem dúvida, Ferenczi teve esta intuição ao descrever o processo de “introjeção” (1909) antes que Freud descrevesse o de “incorporação” (1912, 1915).

### 2) As identificações primárias se realizam por assimilação das qualidades do



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

### vínculo de apego

As identificações primárias não são identificações com as qualidades próprias do objeto (a mãe), já que a mãe ainda não pode ser percebida, na sua realidade exterior, como fonte de prazeres ou desprazeres do bebê. Elas são procedentes da assimilação das qualidades do vínculo de apego tais como o bebê as vivencia, sensorial e emocionalmente. Ferenczi (1909) já dizia : “ No início, o bebê só ama a saciedade, pois ela mata a fome que o tortura – em seguida também vem a amar a mãe, o objeto que lhe propicia a saciedade ” (p.101). Mais tarde, Bowlby (1969 - 1980) mostrará que, no início, o bebê procura a segurança junto à sua figura de apego porque ela acalma suas ansiedades – depois, ama este objeto (sua mãe) que lhe proporciona esta segurança.

As identificações primárias recaem sobre o conjunto de experiências pulsativas, rítmicas, visuais, miméticas, táteis, gestuais, motoras, etc., que entram em jogo por ocasião dos contatos corporais e das seqüências interativas entre a mãe e o bebê. Elas ativam constelações sensório- emocionais que, pela repetição, são codificadas na memória de procedimento. Estas, progressivamente, vão modelisar o corpo próprio e organizar os comportamentos de interação.

Jeremy descreve este processo no decorrer de uma sessão. Evoca a tristeza angustiada de sua mãe, a impressão que, desde sempre, sua mãe lhe transmitia, e que ele devia “ ocupar-se dela, ficar perto dela ”. Ainda bebê, ele havia sentido a tristeza de sua mãe, entrado em ressonância com esta tristeza, eles a haviam compartilhado, e depois ela acabara habitando nele. Ele me dirá: “De fato, era uma mistura de angústia e de tristeza, alguma coisa esquisita que me habitava. Era horrível ... Não convinha que eu ficasse com aquilo durante muito tempo ... Na realidade, eu tinha medo que aquilo me deixasse louco...”.

Este processo é descrito por Melanie Klein como “identificação introjetiva”. Hanna Segal (1964) assim o definiu: é o “resultado da introjeção do objeto no ego que se identifica, então, com uma parte ou com a totalidade das características do objeto”. A clínica, notadamente pédo-psychiatrique, mas



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

confirmada por Jeremy, nos faria dizer, hoje: “É o resultado da assimilação das qualidades do vínculo de apego no Self corporal que então se identifica, parcial ou totalmente, com estas qualidades do vínculo de apego”.

De fato, o bebê, como Jeremy, assimila, através de seus aparelhos sensorial e emocional, os próprios estados sensório-emocionais de sua mãe. As características do vínculo de apego que a mãe mantém com seu bebê são assimiladas pelo bebê, seja à distância (através do que a mãe transmite pelo seu olhar, o tom da sua voz, os odores que ela exala), seja pelo contato (através do que induzem as qualidades do contato da mãe : duro/macio, frio/quente, delicado/agressivo, etc.), seja no momento das interações (pelo que a mãe provoca com a ritmicidade, a frequência, a amplitude dos seus gestos e seu ajustamento, ou não, aos do bebê). Mais do que as características reais de sua mãe, são estas propriedades do vínculo de apego que o bebê percebe diretamente através de sua sensibilidade. São estas propriedades que o bebê absorve no seu próprio corpo e que participam da construção do seu Self, ou que o bebê não consegue metabolizar e utilizar para seu próprio crescimento. Jeremy nos confirma : “ Esta mistura de angústia e de tristeza ”, acoplada ao ódio/violência de sua mãe que o habitam, constituem introjeções patogênicas, corpos estranhos indigestos e inassimiláveis, suscetíveis de “ torná-lo louco ” e às vezes violento.

### 3) Memorização e início das identificações primárias

As identificações primárias, de natureza sensório-emocional, são codificadas na “memória de procedimento”, memória implícita, inconsciente e não verbal. Sua recordação (o fato de poder voltar a senti-las posteriormente, qualquer que seja a idade) está subordinada às leis que regem esta memória : que o contexto da época de recolocar em funcionamento seja analogicamente semelhante ao contexto “primário”, isto é, que o recolocar em prática seja corporal e/ou interacional.

A atualização das identificações primárias passa, portanto, pelo “sentir ” e



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

“ o fazer ”, sabendo-se que, às vezes, o sentir conduz ao fazer e, às vezes, o fazer conduz ao sentir. O “fazer ” não diz respeito à “ação” (individual) mas à “ interação ” (interpessoal). Para ser mais preciso, a atualização e a tomada de consciência das identificações primárias se efetuam pela recolocação em funcionamento de “procedimentos de apego”, tais como foram codificados (identificação primária) e tais como determinam a reativação de certas constelações sensório-emocionais, assim como a reprodução de certos comportamentos afetivos de apego e de interação, na sua maioria não conscientes.

Quando, durante a sessão, se reativam suas impressões de infância, de tristeza, de angústia, de ódio e de medo de ficar louco, novamente a emoção invade Jeremy. Lágrimas lhe correm pela face mas ele *faz* esforços sobre-humanos para reprimir sua emoção, como ele *fazia* em criança. Mais tarde, ele me dirá: “Aquilo não podia me invadir. Eu lutava, cada vez que sentia que aquilo vinha. Eu me contraía, contraía o ventre. Eu me afastava daquilo o mais que podia. Mas, de fato, com o decorrer do tempo, quanto mais eu fazia isto, mais perigoso ficou. Tornou-se uma bomba-relógio. ”Para que aquela bomba não explodisse, “era preciso, ele diz, que eu ficasse longe daquela bomba, do meu corpo. E, em seguida, era preciso também que eu ficasse longe dos outros ... Como se estar próximo dos outros também pudesse fazer a bomba explodir ... “, quer o detonador fosse disparado por ele ou pelos outros.

Reformularei estas tomadas de consciência, articulando-as: 1) Jeremy começou uma terapia comigo para sair do profundo estado de tristeza e de ódio, e poder estabelecer contatos, notadamente encontrar uma moça (desejo); 2) Em sessão, o estado de tristeza e de ódio foi expresso repetidas vezes (atualizações); 3) Compreendemos que, quando bebê, sua mãe lhe transmitiu seu próprio estado de tristeza e de ódio (identificação introjetiva) ; 4) Este estado de tristeza e de ódio, daí em diante nele, é uma ameaça enorme, como uma bomba que podia explodir (projeção, desintegração) ; 5) Inicialmente, ele se protegeu desta ameaça, dissociando-se, interiormente, da sua realidade corporal, sensações e emoções (dissociação) ; 6) Em seguida, protegeu-se



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

desta ameaça isolando-se do mundo externo, privando-se de todas as formas de apego (retraimento) ; 7) E depois e até hoje, ele imaginou que se entrasse em contato com sua realidade interna e/ou com a realidade externa, sua bomba poderia explodir (fantasia).

## IDENTIFICAÇÕES PRIMÁRIAS E PROCESSO TERAPÊUTICO

As constelações sensório-emocionais pré-verbais podem, portanto, tornarem-se conscientes quando seus procedimentos corporais e interacionais são reativados ; é o processo que acabo de descrever, em parte, com Jeremy. Em situação terapêutica, a reativação das constelações sensório-emocionais pré-verbais se produz quando o modo de comunicação presente é analogicamente muito próximo do modo de comunicação inicial que produziu sua codificação na memória de procedimento, como explicitiei anteriormente: ele implica a interação essencialmente não verbal, o contato visual, a tonalidade da voz, freqüentemente o contato físico, notadamente com a cabeça (a fim de controlar o medo de ficar louco, de se desintegrar, de morrer). A eficácia do processo terapêutico repousa, portanto, necessariamente, sobre este nível do procedimento: ele engaja e facilita a tomada de consciência dos procedimentos patogênicos reproduzidos, ainda em ação na idade adulta, em seguida o abandono (ou a desativação) destes procedimentos, finalmente a construção de novos procedimentos que permitem, hoje, um processo resiliente do Self.

Para que surtam um efeito terapêutico, as condições de reativação implicam, igualmente, um ajuste extremamente fino da parte do terapeuta : facilitar a reativação da experiência emocional primária e, ao mesmo tempo, regular a intensidade do revivescimento das constelações emocionais primárias, a fim de poder tomar consciência dos mecanismos de defesa mobilizados no momento da reativação, e de abrandá-los. Esta regulação só é possível se o terapeuta utiliza seu próprio Self, corpo e psiquismo, a serviço do vínculo de apego reassegurador, envolvente e significativo, já percebido como tal pelo paciente em virtude de suas múltiplas trocas anteriores.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Parece-me útil repetir que o revivescimento de experiências sensório-emocionais primárias não pode se fazer fora do ambiente terapêutico de interação e apego mútuos. É através destas propriedades reguladoras, que contêm e significam, que ele transforma uma experiência primária patogênica em experiência atual transformadora. Se o revivescimento é deixado por sua própria conta, fora de um vínculo terapêutico de apego e de interação, só pode levar a uma re-traumatização.

Na realidade, quando pedimos a nossos pacientes que respirem, que estabeleçam conosco um contato visual ou corporal, que façam a experiência de estender os braços em [nossa] direção, de tomar nos braços, de sentir a distância que nos separa e fazê-la variar, etc., nós reativamos sua memória de procedimento de bebê, suas identificações primárias sensório-emocionais inconscientes, tais como estão inscritas no seu corpo próprio e no seu sistema de apego: no seu olhar, nos seus braços, no seu peito, nas suas pernas, na sua ritmicidade e sua estruturação espaço-temporal. Todas estas experiências são extraídas da memória de procedimento e reativadas. Recolocam em funcionamento constelações sensório-emocionais e sensório-motoras extremamente antigas, pré-verbais e não verbais. Todas, sem exceção, são experiências sustentadas pela interação e o vínculo de apego à figura materna, para o melhor e o pior. Em compensação, estas numerosas reativações, ao longo da terapia, nos informam sobre a qualidade e a eficiência destas montagens de procedimento, normais, deficitárias ou traumáticas. Elas dão acesso à sua transformação.

Jeremy é um destes pacientes que não pôde construir, suficientemente, modelos de procedimento afetivo-sensório-motores estáveis, asseguradores e eficazes, chaves para a ação e a interação tanto no bebê como no adulto. Por falta de ter vivido, quando bebê, uma intimidade corporal e afetiva asseguradora, de ter brincado, interagido, ter sido tomado nos braços e tomado nos seus, ter repellido e recusado sem ser rejeitado, ter adormecido com a voz tranquilizante da mãe, hoje, ele é um adulto ansioso, carente e desorientado, a quem faltam referências estáveis para estabelecer um contato interpessoal.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Creio que, na análise bioenergética, talvez no conjunto das terapias psico-corporais, nós trabalhamos muito a partir desta memória de procedimento. É uma das nossas especificidades mais importantes. Ela nos permite trabalhar na ausência de imagens e de palavras ou aquém das imagens e das palavras. Permite-nos captar e compreender as expressões, os movimentos, os gestos implícitos que evocam faltas ou excessos vividos durante o início da vida : ela conduz a uma “ leitura do corpo ”. Ela atualiza um padrão de apego ansioso, de esquiva, ambivalente ou desorganizado. Ela conduz a uma “ leitura do padrão de apego ”. As duas leituras convergem para um mesmo repertório, até então implícito mas podendo tornar-se explícito.

A resposta terapêutica leva a descobrir, a co-criar novas constelações sensório-emocionais e novos procedimentos afetivo-sensório-motores: para olhar-se, para respirar, para mover o corpo, incitar a vida e a expressividade, para entrar em contato, em resumo, para se encontrar um ao outro com um Self mais seguro e em um vínculo de apego mais seguro.

Quando o bebê não pôde ter acesso a estes encontros, fontes de segurança para o Self, depois a separações, fonte de amadurecimento para o Self, ele permanece, quando adulto, em falta e à espera destas experiências. Ele ignora seus procedimentos e aguarda construí-los. Cabe ao terapeuta ajudá-lo nisto, o que se soma ao trabalho de análise.

## CONCLUSÃO

As identificações sensório-emocionais primárias das quais decorrem os procedimentos corporais e motores pré-verbais, os padrões de apegos pré-verbais, os déficits narcísicos pré-verbais não entram no campo da consciência simbólica através do pensamento e da linguagem verbal. Elas entram no campo real da relação terapeuta-paciente ao se mostrarem, agirem, manifestarem-se em comportamentos de interação, ainda fora do campo da consciência semântica. Elas são reminiscências sentidas na expressão e na interação, infiltrando-se, às vezes, nas fantasias e sonhos.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Elas não se transferem” porque ainda não se apóiam sobre nenhum “objeto” particular, mesmo se a intuição da presença do “objeto-mãe” está lá, presente no paciente adulto, a partir de reconstruções que ele já terá feito da sua vida de bebê. Por outro lado, elas “se atualizam” na relação terapêutica, como uma réplica da relação de apego primária, raramente sob a forma de representações mas, muito mais sob a forma de retornos *in vivo* das introjeções primárias não assimiladas.

O analista bioenergético capta este espaço-tempo, sensorial e emocionalmente carregado, que escapa à representação psíquica e à enunciação verbal. Ele identifica as identificações primárias que fazem, nele, ecos sensório-afetivos. Ele sente estas constelações sensório-emocionais que estão na origem delas porque ele permite que ressoem nele. Aceita fazer cópias delas, sentidas dentro de si. É assim que ele compreende, e que pode oferecer ao paciente sua compreensão, bem como a possibilidade de *fazer* novas experiências sensório-emocionais, de estabelecer uma outra relação de apego e de interação, de descobrir novos procedimentos de encontro, mais seguros. Estas experiências à imagem do Self continuidade psico-corporal, se inscreverão em uma continuidade memória de procedimento-memória semântica, em uma coerente continuidade entre o sentir, o fazer, o pensar e o dizer.

## REFERÊNCIAS

*Bowlby J. (1969), Attachment and loss, Vol. 1: Attachment, New-York, Basic Books, (1978), trad. fr. Attachement et perte, T.1 : L'attachement, Paris, PUF.*

*Bowlby J. (1973-1980), Attachment and loss, Vol.2, Attachment, New York, Basic Books, trad. fr. Attachement et perte, T.2 : La séparation, angoisse et colère, Paris, PUF.*

*Bowlby J. (1980), Attachment and Loss, Vol.3, Attachment, New York, Basic Books, trad. fr. Attachement et perte, T.3 : La perte, tristesse et dépression, Paris, PUF.*

*Ferenczi, S. (1909) Psychanalyse 1, Paris, Payot, 1975, p.93-125*



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TONELLA, Guy. Memória corporal e identificações primárias. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

*Freud, S. (1912), Totem et tabou, Paris, Payot 1947*

*Freud, S. (1915), Pulsions et destin des pulsions, Métapsychologie, Paris Gallimard, 1952*

*Freud, S. (1921), Psychologie collective et analyse du moi, Essais de Psychanalyse, Paris Payot, 1951*

*Freud, S. (1923), Le moi et le ça, Essais de psychanalyse, Paris, Payot*

*Segal, H. Introduction à l'œuvre de Mélanie Klein, Paris, PUF, 1969*

## AUTOR

Guy Tonella/França - Doutor em psicologia clinica, psicoterapeuta. Professor de psicologia na Universidade, Toulouse - França, durante 20 anos. Formador internacional no Instituto Internacional de Análise Bioenergética (IIBA). Co-Diretor do Collège Français d'Analyse Bioénergétique (CFAB)  
E-mail: [guy.tonella@wanadoo.fr](mailto:guy.tonella@wanadoo.fr)

Tradução para o português: Miriam Medeiros (2009)